

**Sofrimento psíquico de mulheres brasilienses que vivenciam contexto de
violência doméstica.**

Janaina Lima Borges

Brasília-DF

Dezembro, 2024

JANAINA LIMA BORGES

**Sofrimento psíquico de mulheres brasileiras que vivenciam contexto de violência
doméstica.**

Monografia apresentada à Faculdade de
Psicologia do Centro Universitário de Brasília
– CEUB como requisito parcial à conclusão
do curso de Psicologia. Área de concentração:
Psicologia Clínica.

Professora Orientadora: Me. Aurea Chagas
Cerqueira

Brasília-DF

Dezembro/2024

Folha de Avaliação

Janaina Lima Borges

Sofrimento psíquico de mulheres brasilienses que vivenciam contexto de violência
doméstica.

Banca Examinadora:

Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira – CEUB

Orientadora

Profa. Dra. Flávia Bascunan Timm - CEUB

Examinadora

Profa. Me. Izabella Rodrigues Melo

Examinadora

Brasília

Dezembro, 2024

Resumo

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, ancorada no referencial teórico da psicanálise, teve como principal objetivo investigar e compreender o sofrimento psíquico de mulheres brasileiras que vivenciam contexto de violência doméstica. Participaram deste estudo quatro mulheres com idades entre 37 e 42 anos. Para a análise dos resultados, foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2020). Os resultados mostraram que o histórico familiar e emocional das mulheres influencia sua vulnerabilidade à violência, revelando que experiências traumáticas na infância podem se repetir em relacionamentos posteriores. Foram identificados diferentes tipos de violência (física, psicológica, financeira e sexual). A falta de apoio familiar e social em alguns casos, dificultou a busca por ajuda. As participantes demonstraram persistência e esperança, destacando a importância dos diferentes tipos de apoio para a reconstrução da autoestima, superação do trauma e reconfiguração do futuro.

Palavras-chave: Violência doméstica; Mulheres; Histórico familiar; Psicanálise; Apoio psicológico.

Abstract

This qualitative research, anchored in the theoretical framework of psychoanalysis, had as its main objective to investigate and understand the psychological suffering of women from Brasilia who experience domestic violence. Four women aged between 37 and 42 years participated in this study. To analyze the results, the content analysis methodology was used (Bardin, 2020). The results showed that women's family and emotional history influences their vulnerability to violence, revealing that traumatic experiences in childhood can be repeated in later relationships. Different types of violence were identified (physical, psychological, financial and sexual). The lack of family and social support in some cases made it difficult to seek help. The participants demonstrated persistence and hope, highlighting the importance of different types of support for rebuilding self-esteem, overcoming trauma and reconfiguring the future.

Keywords: Domestic violence; Women; Family history; Psychoanalysis; Psychological support.

Agradecimentos

Do Saber ao Ser: O Processo de Descoberta na Formação

Hoje, com o coração transbordando de emoção e gratidão, me pego refletindo sobre essa grande conquista: terminei o curso de Psicologia. A ficha ainda está caindo, e é difícil colocar em palavras tudo o que vivi e aprendi nesses anos. Não foram apenas os desafios acadêmicos – o volume intenso de textos, trabalhos, provas e seminários – mas, principalmente, os desafios da vida fora dos muros da universidade. A realidade, sem filtros, nos convoca de forma crua, e comigo não foi diferente.

Durante todo esse tempo, o curso foi mais do que uma formação profissional; foi um lugar de refúgio. Cada aula, trabalho, texto e seminário me ajudava a esquecer, por algumas horas, as dificuldades que enfrentava fora dali. Aqueles momentos de imersão no aprendizado me traziam alegria e realização. Mas, mais do que isso, foi nos encontros com as pessoas que encontrei força e cura.

As conversas nos corredores, no intervalo, na cantina ou no final das aulas foram tão significativas quanto qualquer teoria aprendida. Foram elas que me deram o fôlego necessário para continuar, me fortaleceram e me fizeram enxergar a beleza nos laços que criamos. Não foi só sobre me formar psicóloga, mas sobre me descobrir como mulher.

Ao longo desse percurso, encontrei uma irmandade. Com cada mulher que cruzou meu caminho, percebi partes de mim mesma que ainda não conhecia. Esses encontros foram transformadores e me mostraram que o crescimento é, antes de tudo, uma construção coletiva.

Agora, ao encerrar este ciclo, sinto que integrar tudo isso – o aprendizado, as vivências, os desafios – é reconhecer em mim as muitas versões que se revelaram nesse processo. O que transborda em meu coração é amor e gratidão. Gratidão por todas as experiências, por cada pessoa que fez parte dessa jornada e por essa incrível oportunidade de me redescobrir, enquanto mulher e profissional.

E como não agradecer aos meus filhos, Isabele e Antônio? Vocês foram minha força quando tudo parecia ruir. O amor e o apoio de vocês me fizeram renascer das cinzas incontáveis vezes.

Por fim, sou grata aos mestres e professores que, com ética, respeito e generosidade, confiaram em nossa capacidade de aprender e crescer. Vocês foram os jardineiros que nutriram este solo fértil, permitindo que flores desabrochassem.

Hoje encerro este ciclo com um coração transbordando de gratidão. Esta não é uma despedida, mas uma celebração de tudo o que foi vivido e de todas as vidas que se entrelaçaram na minha. E assim sigo, com olhos cheios de esperança e alma em flor.

*Isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além.*

(Incenso Fosse Música. Paulo Leminski, 1987).

Sumário

Resumo	4
Abstract	5
Agradecimentos	6
Introdução	11
Capítulo 1 – Fundamentação Teórica.....	13
1.1. Violência Doméstica	13
1.2. Violência Doméstica no Distrito Federal	16
1.3. Violência Doméstica à Luz da Psicanálise	18
1.4. Desenvolvimento Psicosssexual – do nascimento à puberdade e sexualidade infantil.....	20
1.5. Transformações da Puberdade.....	23
Capítulo 2 – Metodologia	25
2.1. Participantes.....	25
2.2. Instrumentos.....	25
2.3. Procedimentos.....	25
Capítulo 3 – Resultados e Discussão.....	28
3.1. Histórico Familiar e Emocional.....	29
3.2. Percepção de Violência e Seus Impactos.....	34
3.3. Sentimentos Relacionados a Violência.....	38
3.4. Repetições de Padrões em Relacionamentos.....	44
3.5. Busca por Ajuda.....	47
3.6. Superação e Perspectivas para o Futuro.....	51
Considerações finais.....	53

Referências.....	56
Anexos.....	56
Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	61
Anexo 2 – Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura.....	65
Anexo 3 – Parecer Consubstanciado do CEP-CEUB.....	67
Apêndice 1 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada	72

Introdução

De acordo a Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS (2024), entende-se como violência contra as mulheres “qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres, inclusive ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja em vida pública ou privada”. Considera-se violência praticada por parceiro ou ex-parceiro a conduta geradora de agravos físicos, sexuais ou psicológicos, abrangendo agressão física, abuso psicológico, coerção sexual e conduta de controle.

A Lei Maria da Penha nº 11340/2006, que busca proteger mulheres vítimas de violência doméstica, é um avanço significativo. A disseminação da informação por meio da internet também é crucial, embora muitas mulheres enfrentem barreiras financeiras ou desconheçam onde buscar ajuda. A realidade da violência doméstica implica não apenas a necessidade de aplicação das leis, mas também a importância do fornecimento de apoio psicológico e financeiro para que as mulheres possam recuperar sua integridade e dignidade.

À luz dessas considerações, o interesse desta pesquisadora por essa temática surgiu a partir do conhecimento do crescente número de denúncias de violência doméstica feitas por mulheres no Distrito Federal e os consequentes relatos de danos emocionais, psicológicos, financeiros e morais oriundos dessa vivência.

Nesse sentido, o presente trabalho procurou investigar e compreender o sofrimento psíquico de mulheres brasilienses que vivenciam contexto de violência doméstica e a partir disso poder compreender como as políticas públicas podem abordar não apenas os aspectos legais, mas também as dinâmicas psicológicas subjacentes que perpetuam a violência doméstica contra as mulheres. Além disso, buscou investigar os diferentes tipos de

sofrimento psíquico enfrentados por mulheres em situação de violência doméstica no seu cotidiano, considerando-se as complexidades das relações familiares e como essas experiências traumáticas impactam sua psique e identidade, assim como as contribuições para o desenvolvimento de estratégias eficazes de proteção e apoio às mulheres vítimas de violência doméstica, visando promover sua recuperação e bem-estar psicológico e social.

Esta pesquisa visou responder às seguintes questões: Qual o histórico de desenvolvimento emocional de mulheres que vivenciam situações de violência doméstica? Qual a percepção das mulheres acerca da vivência de violência doméstica? Qual a percepção das mulheres acerca da representação de feminino em contexto de violência doméstica? Quais os mecanismos inconscientes que aprisionam as mulheres em relacionamentos violentos? Qual a percepção das mulheres acerca da vivência de contextos de violência doméstica e seus impactos psicológicos em ambientes sociais nos quais circula (família, amigos, trabalho, profissionais da saúde, segurança, educação, etc.)? Qual a percepção das mulheres acerca do futuro, a partir da vivência de contexto de violência doméstica?

O presente trabalho mostra-se importante diante do crescente número de denúncias de violência doméstica e feminicídio cometidos contra mulheres de diferentes grupos sociais no Distrito Federal.

Capítulo 1

Fundamentação Teórica

Serão apresentados a seguir alguns dados a respeito da violência doméstica contra mulheres, suas formas, legislação de combate a tais violências, panorama de ocorrências no Distrito Federal, políticas públicas, violência doméstica à luz da psicanálise e desenvolvimento psicosssexual - do nascimento à puberdade e sexualidade infantil.

1.1. Violência Doméstica

Em 2002, em Genebra, a Organização Mundial de Saúde (OMS) lançou o Primeiro Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, delineando várias formas de violência. Um objetivo crucial do relatório é entender a gravidade e as implicações da violência globalmente, além de aprofundar a compreensão sobre seus fatores de risco, modos de intervenção e políticas estabelecidas, bem como avaliar sua eficácia e propor ações em níveis regional, nacional e internacional (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi e Lozano 2002).

A violência contra as mulheres compreende qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres. Isso inclui ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja em espaços públicos ou privados. Quando praticada por parceiro ou ex-parceiro, essa violência pode manifestar-se através de agressão física, abuso psicológico, coerção sexual e comportamentos de controle. Esses tipos de violência podem causar danos profundos à integridade física e emocional das mulheres, afetando sua qualidade de vida e bem-estar psicológico (Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS, 2024).

A Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, promulgada em 2006, foi um marco importante ao caracterizar a violência doméstica como crime e estabelecer mecanismos para combatê-la. Seu artigo 7º enumera os diferentes tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher. O inciso I aborda a violência física, que inclui qualquer conduta que cause algum dano à integridade ou saúde corporal da mulher. O inciso II, acrescentado pela Lei 13.772/2018, esclarece a violência psicológica como qualquer ação que cause algum dano emocional, diminuição da autoestima ou perturbação do pleno desenvolvimento, utilizando ameaças, constrangimentos, humilhações, manipulações, isolamento, vigilância constante, perseguição, insultos, chantagens, violações de intimidade, ridicularizações, explorações ou limitações ao direito de ir e vir, afetando a saúde psicológica e a autodeterminação da mulher. O inciso III trata da violência sexual, englobando condutas que constringam a mulher a participar, manter ou presenciar relações sexuais não desejadas, mediante intimidação, coação, ameaça ou uso da força, além de incitar a comercialização da sexualidade, impedir o uso de métodos contraceptivos, forçar matrimônio, gravidez, aborto ou prostituição, violando seus direitos sexuais e reprodutivos. A violência patrimonial é abordada no inciso IV, que a define como qualquer ato que represente retenção, subtração, destruição ou danificação de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores, direitos ou recursos econômicos da mulher, incluindo aqueles destinados a atender suas necessidades. Por fim, o inciso V descreve a violência moral como qualquer conduta que envolva calúnia, difamação ou injúria contra a mulher.

A violência doméstica contra a mulher tem sido objeto de discussões ético-políticas e teórico-filosóficas devido à sua natureza multifacetada e complexa. Nos últimos 50 anos, as discussões sobre violência contra a mulher ganharam visibilidade devido à sua emergência e à magnitude do fenômeno vivenciado por mulheres em seus relacionamentos afetivos. A

partir do século XX, especialmente na década de 60, o movimento feminista intensificou sua luta contra a violência doméstica, buscando quebrar as fronteiras entre o público e o privado. O objetivo era envolver o Estado e a sociedade no compromisso de garantir às mulheres uma vida digna e livre de violência. Esse chamado foi fundamentado no argumento de que "o pessoal é político". Essa frase encapsula a compreensão de que as questões pessoais, como a violência doméstica, são intrinsecamente políticas, refletindo estruturas de poder e desigualdades de gênero arraigadas na sociedade. Assim, a luta contra a violência doméstica não é apenas uma questão individual, mas também uma questão política que exige ação coletiva e mudança sistêmica para promover a igualdade de gênero e garantir os direitos das mulheres (Guimarães e Pedrosa, 2015, Costa, 2007, Machado, 2010 (citando Bandeira e Melo, 2010)).

A violência contra a mulher é de fato um fenômeno abrangente que vai além da esfera doméstica, pois ocorre tanto dentro quanto fora desses contextos. Na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2003), é esclarecido que essas representações são moldadas por categorias que explicam crenças e ideias construídas em grupo por meio da interação com pessoas ou objetos. Nesse sentido, a violência doméstica contra a mulher é um aprendizado construído e compartilhado em grupo. É fundamental compreender que as mulheres em situação de violência doméstica são sujeitos constituídos socialmente, ou seja, suas identidades e experiências são moldadas pelas normas e expectativas de gênero estabelecidas pela sociedade. Essas normas, muitas vezes enraizadas em uma estrutura patriarcal, colocam as mulheres em uma posição de subordinação e domínio, perpetuando assim a violência de gênero. Portanto, para abordar eficazmente a violência contra a mulher, é necessário não apenas enfrentar os aspectos individuais e familiares, mas também desafiar as estruturas sociais e culturais que sustentam a desigualdade de gênero e a subjugação das

mulheres. Isso requer uma abordagem multidimensional que envolva mudanças tanto a nível individual quanto sistêmico, visando a promoção da igualdade de gênero e o respeito aos direitos das mulheres (Saffiotti, 2001, Moscovici, 2003, Ribeiro e Coutinho, 2011).

A violência doméstica pode ser categorizada em três grupos: violência coletiva, violência auto infligida e violência interpessoal, esta última incluindo a violência perpetrada por parceiros íntimos no ambiente familiar. Essas formas de violência estão intimamente ligadas à violação dos direitos humanos e são frequentemente associadas a uma variedade de eventos significativos e de natureza diversa. Aspectos como a ideia de superioridade e a discriminação relacionadas ao poder e à opressão, bem como questões relacionadas ao desejo, controle e autonomia, desempenham um papel crucial na perpetuação da violência contra a mulher. Em última análise, a violência contra a mulher é um fenômeno complexo, multifacetado e sombrio, com causas que se entrelaçam em uma teia de fatores multicausais e multidimensionais. Para abordar efetivamente a violência contra a mulher, é essencial reconhecer essa complexidade e adotar uma abordagem abrangente que leve em consideração não apenas os aspectos individuais e interpessoais, mas também os fatores estruturais e culturais que contribuem para sua perpetuação. Isso exige uma resposta coordenada que inclua medidas de prevenção, intervenção e proteção, além de esforços para promover a igualdade de gênero e os direitos das mulheres em todos os níveis da sociedade (Zuma, 2005, Pequeno, 2007).

1.2. Violência Doméstica no Distrito Federal

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal - SSP-DF, até o mês de julho de 2023, foram registradas 8.820 ocorrências de violência doméstica e familiar. Deste total, 21 casos de feminicídio, sendo que 76,2% das mortes abarcam mulheres que já

havia sido vítimas de agressões anteriores. Apesar desses dados, de acordo com a SSP, somente metade dessas ocorrências foi noticiada às autoridades competentes. O Governo do Distrito Federal disponibiliza às mulheres vítimas de violência doméstica, dispositivos para denúncia desses crimes, assim como rede de apoio que conta com assistência psicossocial, abrigo e capacitação profissional. A força operacional montada pelo Governo do Distrito Federal, com o auxílio de inúmeras secretarias e a colaboração de representantes do judiciário e da sociedade civil obteve como resultado a proposta e a regulamentação de leis direcionadas para o atendimento de mulheres vítimas de violência doméstica e de órfãos do crime de feminicídio. A Rede Distrital de Proteção aos Órfãos do Feminicídio disponibiliza políticas de cuidado para crianças e adolescentes que tiveram suas mães e provedoras assassinadas em circunstância de violência de gênero. O programa Jovem Candango oferece e garante para essa população, 10% de suas vagas para desenvolvimento técnico-profissional de adolescentes. A Casa da Mulher Brasileira, localizada no centro da Ceilândia, recebe mulheres durante 24h, todos os dias da semana, para atendimento psicossocial e capacitação profissional. Com o suporte da Defensoria Pública, do Ministério Público, da Polícia Civil e do Tribunal de Justiça, a instituição também acelera a solução do caso e estabelece alternativas de saída para o conflito. A Casa Abrigo atua assegurando proteção às vítimas de violência e seus dependentes. A casa oferece assistência social, psicológica, jurídica e pedagógica. O ingresso na casa se dá por indicação do CMB, da Polícia Civil do DF ou por ordem judicial, mantendo sigilo do endereço para preservar a segurança da vítima. O Núcleo de atendimento à família e aos autores de violência doméstica (Nafavds) com unidades no Plano Piloto, Brazlândia, Sobradinho, Planaltina, Paranoá, Santa Maria e Gama, também fazem parte da rede de atendimento a essa população. Com acesso livre, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h, e sem necessidade de

encaminhamento, os Centros especializados de atendimento à mulher (Ceams), o Centro Integrado de Operações de Brasília (Ciob), da Secretaria de Segurança Pública do DF - SSP-DF, são outras possibilidades de atendimento às vítimas de violência doméstica (SSP-DF, 2024).

1.3. Violência doméstica à luz da psicanálise

Compreender a questão da violência doméstica contra a mulher demanda um esforço para além das regulamentações do direito e das investigações sócio-históricas, e uma ampliação da compreensão a respeito da motivação dos sujeitos envolvidos em situação de violência doméstica. Para tanto, se faz necessário investigar quais são as motivações psíquicas de mulheres nesse contexto e quais representações afetivas carregam para consentir a agressão (Penna, 2014).

Vivências traumáticas de maus tratos, abusos emocional, físico e sexual no período da infância, são apontados como aspectos significativos existentes na história de vida dos indivíduos envolvidos em situação de violência doméstica (Fulu et al., 2013; Herigoyen, 2006; Jelkes et al., 2011).

Para a psicanálise, converte-se em “trauma psíquico toda a impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio de pensamento associativo ou da reação motora” (Freud, 1892/1987, p. 174). O trauma é entendido como uma vivência dolorosa que não foi devidamente simbolizada ou assimilada pela psique, repercutindo de forma significativa no desenvolvimento da subjetividade dos sujeitos (Freud, 1920/1996; Laplanche; Pontalis, 2001)

O estudo sobre o trauma passou por uma significativa reestruturação por Freud em 1920, a partir do seu trabalho Além do princípio do prazer. Freud expõe a sua ideia de

compulsão à repetição e expande sua hipótese acerca da contradição pulsional que constitui o sujeito (Macedo; Werlang, 2007a).

Em seu trabalho sobre O problema econômico do masoquismo, Freud (1924/1996) condensa três modelos de masoquismo, são eles: 1) um masoquismo primário ou erógeno, categoria de combinação pulsional entre Eros e a pulsão de morte, aproximando-o do erotismo, 2) um masoquismo moral, ligado às determinações culturais e resultado do sentimento de culpa inconsciente perante os desejos incestuosos, e 3) um masoquismo feminino, representando o padrão da perversão masoquista. Ao passo que o masoquismo moral é a relação do sujeito com o social, o masoquismo feminino se concretiza na relação com o outro, ao qual o sujeito se coloca na posição de objeto para ser humilhado. Está em jogo o lugar de humilhação na presença do objeto de amor, onde se apresenta a necessidade de encenação masoquista com o outro. No masoquismo moral, a figura do outro se apresenta no formato de determinações culturais (Fortes, 2007).

De acordo com os ensinamentos de Freud (1924b/1996), o verdadeiro masoquismo feminino se mostra através de fantasias que envolvem ser copulado, amordaçado, castrado, amarrado, espancado, aviltado e humilhado. Freud explorou tais fantasias em seu trabalho “Bate-se em uma criança”, onde revela complexas e contraditórias conclusões. Nesse contexto, nasce a equivalência entre o feminino, o passivo e o infantil, onde o masoquista deseja ser considerado como uma criança pequena, desprotegida, desobediente e traquina, digna de ser castigada. Para substituir as pulsões sexuais incestuosas, a criança deseja ser agredida pelo pai. Como consequência da ligação incestuosa com o pai, a criança erotiza a violência e entende que é a predileta, a escolhida, a amada. Vale ressaltar que em seu trabalho A interpretação dos sonhos, Freud (1900/1996) aponta que não caberia confundir o cenário material com o mundo psíquico e irreal dos desejos inconscientes (Cromberg, 2004). Em

Além do princípio do prazer, Freud (1920a/1996) afirma que o conceito de pulsão de morte apontava o aspecto feroz e abundante da potência pulsional do psiquismo. Diante do impacto pulsional, o sujeito busca se defender do abandono, do real da angústia, unindo-se de maneira dependente subordinada, ofertando o próprio corpo de forma humilhante para o gozo do outro (Dinis, 2003).

1.4. Desenvolvimento psicosssexual - do nascimento à puberdade e sexualidade infantil

As elaborações apresentadas por Freud em Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade abordam o conceito de pulsão, de desenvolvimento psicosssexual e a polêmica do feminino, bem como a questão das diferenças sexuais, tendo em vista que tratar do feminino também é tratar das distinções entre o feminino e o masculino, do fundamento fálico e do tornar-se mulher (Freud, 1900). Freud inaugurou a teoria da existência da sexualidade infantil a partir da sua investigação e compreensão acerca das origens do funcionamento das neuroses e concluiu que elas estão localizadas nos primeiros anos de vida dos sujeitos quando eles experienciam conflitos de caráter sexual e traumático que foram reprimidos, mas que se manifestam em forma de sintoma na vida adulta. Segundo ele, o instinto sexual não está presente a partir da puberdade, mas desde a infância em seus primeiros anos de vida. O processo de desenvolvimento da sexualidade é amplo, profundo e complexo, passando por diversas fases até alcançar a sexualidade adulta, onde homens e mulheres apresentam as capacidades de conquista de prazer e de reprodução associadas ou não. Nos primeiros anos de vida, o desenvolvimento psicosssexual dos sujeitos está voltado para a sobrevivência, e o prazer é identificado no próprio. O desejo sexual está situado em partes do corpo e se

desenvolve gradativamente em fases denominadas de: fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital (Freud, 1901-1905/2016).

A fase oral corresponde ao nascimento até a idade de 2 anos, aproximadamente. Nessa fase, o ato da amamentação tem significado para além de saciar a fome. A criança usa a boca no ato de comer e essa estimulação oral provoca a sensação do prazer de chupar e saborear. (Freud, 1901-1905/2016).

A fase anal corresponde ao período entre 2 e 4 anos aproximadamente. Nessa fase, o foco da libido está direcionado ao controle da bexiga e excreção de fezes. A criança experimenta o conflito de aprender a controlar suas necessidades físicas e sua realização promove sensações de contentamento e independência. Assim, é nessa fase que a criança descobre as utilidades do corpo e volta toda sua energia para ele, iniciando o movimento de controle dos esfíncteres. Inicia-se o processo de desfralde, o uso inconsciente de manipulação dos fatos, a ambivalência entre soltar ou prender o cocô, o prazer autoerótico do ânus em reter e expulsar as fezes. O coco é percebido como uma extensão do próprio corpo, gerando conflito para decidir se mantém ou expulsa sua produção. Entende-se que nessa fase emerge o sentimento narcísico de ter o coco para si ou sentimento de amor ao próximo, representado pela doação ou não da sua produção (cocô) aos pais ou cuidadores (Freud, 1901-1905/2016).

A fase fálica é o período que corresponde dos 4 aos 5 anos de idade, aproximadamente. Nessa fase, o foco é direcionado aos órgãos sexuais. No menino, o pênis, o falo e a falta dele nas meninas. Aqui surge a percepção da diferença anatômica entre menino e menina, macho e fêmea, assim como o prazer em manipular os órgãos. É nessa fase que surge a percepção do terceiro na relação familiar, o qual fará a castração, o corte da criança com a mãe, dando início ao momento do complexo de Édipo. (Freud, 1901-1905/2016).

O período de latência corresponde ao intervalo dos 6 aos 11 anos de idade aproximadamente. Nessa fase, ocorre o esquecimento temporário das questões sexuais e do autoerotismo. A criança desenvolve certa independência e descobre outros interesses (esportes, línguas, etc.). A pulsão e a energia sexual são direcionadas para questões externas. Encerra-se o momento do complexo de Édipo e a fase fálica. A autoridade paterna entra em cena e é incorporada pelo inconsciente resultando na formação do superego. Em todas essas fases a sexualidade da criança é narcísica (narcisismo primário) e voltada para si próprio, o prazer aqui é autoerótico. As particularidades e os comportamentos dos sujeitos adultos, no que se refere a instinto sexual, sofrem interferência direta do seu período de infância. A temática da sexualidade, diferentemente de outras atividades psíquicas, sofre a específica amnésia infantil, típica dos anos iniciais da infância, até a idade de seis ou oito anos, entretanto essas informações esquecidas, deixam nos sujeitos, características marcantes em sua vida psíquica, tornando-se essenciais ao seu futuro desenvolvimento (Freud, 1901-1905).

O período de latência, frequentemente localizado no intervalo entre os seis e dez anos de idade, é compreendido como uma interrupção no desenvolvimento da sexualidade infantil. No período de latência, seja ele total ou parcial, as inibições sexuais são mobilizadas e vivenciadas pelo próprio sujeito. Nesta fase, inicia-se o desenvolvimento da repulsa, da vergonha e da noção de moralidade nos sujeitos. Os impulsos sexuais infantis no período de latência não deixam de existir, mas passam a ser direcionados a outros objetivos, processo este chamado de sublimação. A sublimação é uma defesa do eu contra a manifestação integral e direta dos impulsos sexuais. De forma similar, a sublimação pode ser compreendida como a capacidade de transformar os impulsos sexuais em energia criativa culturalmente valorizada. As interrupções do período de latência não implicam completa inatividade sexual, tendo em vista que algumas manifestações sexuais conseguem escapar da sublimação. As

energias sexuais são direcionadas para outras atividades, como o desenvolvimento intelectual, físico e social. Diversos fatores podem influenciar na estabilidade dessa fase. As interrupções do período de latência podem acontecer em razão da própria constituição sexual individual do sujeito, da precocidade sexual, da sedução ou de eventuais influências externas (Freud, 1905).

1.5. Transformações da Puberdade

A fase genital se dá a partir dos 11 anos, aproximadamente. Nessa fase, a identidade infantil é deixada de lado, a sexualidade retorna aos órgãos genitais. A puberdade é carregada de transformações orgânicas, a energia sexual é direcionada para outras pessoas com a qual o sujeito sente satisfação. Na construção de uma personalidade sadia, o sujeito inicia a procura por um par romântico ou objeto externo, a energia sexual não é mais autoerótica, ou seja, não é mais direcionada exclusivamente para si mesmo. Nessa fase, geralmente ocorre o período de adolescência onde questões comportamentais e culturais entram em cena podendo ou não caminharem juntas. As transformações biológicas, fisiológicas e comportamentais se estendem por toda a vida dos sujeitos. A adolescência é uma importante fase da vida dos sujeitos e tem despertado a disposição de pesquisadores de diversas áreas de conhecimento em estudar os impactos de sintomas característicos do mundo contemporâneo, tais como: transtornos alimentares, adições, violência entre jovens, dentre outros. A adolescência é famosa biologicamente por ser repleta de transformações fisiológicas e corporais, essa fase está inserida na vida dos sujeitos no período localizado entre a infância e a vida adulta. A puberdade é marcada por transformações hormonais e biológicas que podem ou não coincidir com a fase de adolescência. A singularidade desse momento revela a necessidade de reflexão a respeito dos diversos eventos na esfera psíquica dessa população. Psicanalistas de diversas

escolas participam de debates com proposições de importantes contribuições acerca do processo de travessia da adolescência (Vieira e Vorcaro, 2014; Balduino, 2022).

Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chegou, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. Pode-se entender então como essa época da vida possa ser destacada como um período de fragilidade de autoestima, depressão e tentativas de suicídio (Calligaris, 2000).

Em sua ampla obra, Freud não expôs uma teoria específica acerca da adolescência, entretanto apresentou contribuições significativas a respeito das repercussões psíquicas decorrentes da puberdade, contribuições essas que foram se transformando substancialmente ao longo de suas elaborações. Entretanto, Freud levantou o debate a respeito da importância da puberdade e suas probabilidades na esfera de construção subjetiva dos sujeitos nos casos clínicos de Dora, Homem dos lobos e o Jovem homossexual (Vieira e Vorcaro, 2014).

Em suas teorias sobre a infância e a puberdade, Freud (ano do original) considerou que diversas patologias identificadas na vida adulta tinham origem na infância. Segundo ele, a puberdade é percebida como a etapa de passagem entre o período de latência e a fase genital; momento esse no qual a vida sexual infantil inicia sua atenção para a vida sexual adulta.

Capítulo 2

Metodologia

Este estudo teve um enfoque qualitativo, com aplicação da técnica de entrevista semiestruturada, a fim de levantar conteúdo empírico que possibilitasse a análise e discussão acerca do tema. Para tal análise, foram aplicadas contribuições teóricas da abordagem teórica psicanalítica.

2.1. Participantes

Foram convidadas para participar desta pesquisa 4 (quatro) mulheres com idades entre 18 e 60 anos, com histórico de vivência de violência doméstica, em relacionamentos amorosos. As participantes foram selecionadas por conveniência, a partir da rede de contatos da pesquisadora.

2.2. Instrumentos

Roteiro de entrevista semiestruturada

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, a partir da utilização do roteiro de entrevista anexo (Apêndice 1).

2.3. Procedimentos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CAAE: 80773224.1.0000.0023), conforme o disposto nas Resoluções nº. 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS (Anexo 3).

Inicialmente, as participantes foram contactadas via ligação telefônica ou whatsapp, a fim de serem consultadas quanto ao interesse e a disponibilidade para participação na pesquisa, assim como para o agendamento das datas de realização das entrevistas. No dia agendado para a entrevista, foram explicitados os objetivos da pesquisa, foi lido e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 1). Após assinatura do TCLE, foi iniciada a entrevista semiestruturada, contendo 12 (doze) perguntas sobre a temática do estudo. Cada entrevista individual teve duração de 40 a 60 minutos e foi realizada em sala especialmente reservada para esse fim, na clínica escola do Ceub – Cenfor/Ceub, conforme Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura (Anexo 2), com a garantia de preservação do sigilo, privacidade e segurança da entrevistada. Realizou-se a gravação em áudio, visando facilitar a transcrição posterior dos resultados pela pesquisadora assistente.

A análise de resultados foi realizada de acordo com o referencial teórico da Psicanálise e da Análise de Conteúdo de Bardin (2020). O conteúdo das entrevistas foi transcrito e analisado em sua totalidade, apoiado nas categorias retiradas dos relatos das participantes.

O instrumento da análise de conteúdo é a fala, ou seja, a característica particular atuada da linguagem. Ela considera os significados, o conteúdo, esporadicamente o seu formato e a disposição de tais conteúdos e contornos, tais como: indicadores formais e exame de coexistência. A análise de conteúdo busca compreender o que foi expresso por trás das palavras examinadas (Bardin, 2020).

Empregada em pesquisas qualitativas, a análise de conteúdo de Bardin (2020) é um método que possibilita a distribuição do material a ser analisado em três etapas: organização, codificação e categorização. Ancoradas nessa metodologia e na teoria psicanalítica, foram feitas as análises, a partir da seleção de categorias de análise, visando a compreensão sobre o

conteúdo dos relatos das participantes. As categorias selecionadas foram: Histórico Familiar e Emocional; Percepção da Violência e Seus Impactos; Sentimentos relacionados à Violência; Repetição de Padrões em Relacionamentos; Busca por Ajuda e Superação e Perspectivas para o Futuro.

Sendo assim, orientadas pela referida técnica e respeitando os objetivos desta pesquisa, as informações coletadas foram analisadas, observando-se as limitações das circunstâncias apresentadas, assim como o caráter integral do conteúdo, buscando-se compreender as posições a respeito do sofrimento psíquico de mulheres que vivenciam contexto de violência doméstica.

Capítulo 3

Resultados e discussão

Com o objetivo de facilitar a compreensão das vivências de cada participante e assegurar a preservação do sigilo, da privacidade e da segurança, utilizam-se pseudônimos inspirados em pedras preciosas — Esmeralda, Jade, Cristal e Diamante — para apresentar os resultados desta pesquisa.

A participante Esmeralda está com 38 anos de idade, é advogada e está viúva há cerca de três anos. Esmeralda vivenciou um período de aproximadamente 15 anos de violência doméstica em um relacionamento marcado por controle psicológico e financeiro, episódios de agressões físicas e abusos sexuais.

A participante Diamante está com 37 anos de idade, é administradora de empresas, estudante de ensino superior, e está separada há 14 anos. Diamante enfrentou uma relação marcada por violência psicológica, moral, ameaças de morte e episódios de agressões físicas durante um período de 12 anos.

A participante Cristal está com 42 anos de idade, é advogada, terapeuta, estudante de ensino superior e está divorciada há 4 anos. Cristal vivenciou uma relação abusiva que envolvia violência psicológica, financeira e de constantes ameaças.

A participante Jade está com 41 anos de idade, é pedagoga, estudante de ensino superior e casada. Jade vivenciou violência psicológica, financeira e constantes agressões físicas em dois dos seus quatro relacionamentos afetivos.

3.1. Histórico Familiar e Emocional

A transmissão da estrutura familiar simbólica é crucial para a construção da subjetividade dos sujeitos, indo além da mera procriação. "Em O infantil e a Estrutura, Sauret (Apud Faria, 2023) nos lembra que para fazer um filho são necessários um homem e uma mulher, mas isso não basta para fazer um sujeito." (p. 23). Embora os pais biológicos sejam essenciais para a procriação, não garantem, por si só, a formação de um sujeito. Para isso, entram em jogo as funções materna e paterna, que transcendem a mera presença física e se articulam de maneira singular em cada estrutura familiar. A função materna, crucial no desenvolvimento infantil, não se limita aos cuidados básicos, como alimentar e proteger. A mãe assume o papel de representante do Outro primordial para a criança, moldando o campo simbólico que a envolve. A partir da interpretação do choro do bebê, a mãe inicia o processo de significação, traduzindo as necessidades da criança em linguagem (Faria, 2023).

Nesse sentido, Esmeralda relata ter se sentido sozinha e rejeitada pelos pais, apesar de estar rodeada de pessoas. "Eu acho que eu me sentia muito sozinha, embora a gente tenha muita gente, mas eu acho que eu senti a falta e a rejeição dos Pais."

Diamante descreve uma infância difícil marcada pela fome e dificuldades financeiras, o que levou sua família a migrar para Brasília. "A minha infância foi um pouco conturbada, porque como os meus pais moravam na roça, a gente passava muita dificuldade financeira em relação ao alimento" e "o nosso relacionamento familiar é mais assim, da gente saber que apesar de todas as dificuldades que passamos, a gente tem muito amor pelos outros, pelos meus pais".

Cristal descreve uma infância positiva e de diálogo constante com os pais. “Muito positiva, assim, muito de conversa... a coisa do bater não foi uma coisa que eu tenha vivenciado. E também, por outro lado, acho que eu não dei trabalho, por assim dizer.”

Jade também compartilha memórias de uma infância marcada por violência física e castigos severos por parte do padrasto, separação do pai e violência verbal da mãe:

A minha infância foi um pouco conturbada. Eu tinha 4 anos quando meus pais se separaram e meu pai foi embora de casa... Meu pai chegava em casa e quebrava tudo, mas ele nunca me bateu... Então ele era casado com a minha mãe, noivo, de aliança, de festa, de negócio, tudo com outra pessoa... Muita amante, muito adultério, muita traição... E aí o meu pai foi embora de casa, ele encostou o caminhão e levou tudo que era nosso. Tudo. Deixou a gente sem nada. Minha mãe dava o dinheiro do aluguel e não pagava.

Tais vivências de violências podem ter contribuído para a dificuldade das participantes em estabelecer limites e reconhecer relacionamentos abusivos na vida adulta.

Lacan destaca a importância do falo como elemento terceiro na relação mãe-criança, enfatizando que o vínculo materno é atravessado pelo desejo, e a criança se estrutura em relação a ele (Faria, 2023).

A mãe se apresenta à criança com a exigência daquilo que lhe falta – o falo – e a criança, por sua vez, tenta se colocar como o objeto que pode suprir essa falta (Faria, 2023).

A castração materna é um conceito central nesse processo. Ao se deparar com a ausência da mãe – física ou simbólica – a criança reconhece a falta no Outro e a própria castração, saindo da identificação imaginária com o falo (Faria, 2023).

Sobre sua relação com a mãe, Jade revelou que era marcada por xingamentos, violência verbal e psicológica: “Minha mãe falava muito palavrão, me xingava, me ofendia muito. Falava que era melhor se eu tivesse morrido.”

O desejo materno desempenha um papel fundamental na constituição do sujeito. Para que a criança se estruture como um sujeito desejante, a mãe não pode ter seu desejo saturado pela criança, devendo se manter desejante enquanto mulher. Essa concepção destaca a importância do pai no desejo materno, criando espaço para a entrada de um terceiro na díade mãe-criança (Faria 2023).

A função paterna, na teoria lacaniana, se articula ao complexo de castração e à introdução da lei simbólica. O pai, como significante do Nome-do-Pai, representa a interdição do incesto e a inscrição da criança na ordem simbólica (Faria, 2023).

Nesse sentido, sobre sua relação com o padrasto, Jade revelou vivências de constantes e diversas violências:

Ele era uma pessoa extremamente autoritária, rígida, e ele batia muito em mim, desde os 4 anos. Então, se eu tivesse quebrado o vaso em casa e ele chegasse e o vaso tivesse quebrado, ele não perguntava quem era, ele já me batia. Só que ele batia muito, ele espancava mesmo. Então, ele batia muito de cinta. E ele mandava eu ajoelhar, botar a cabeça no meio da perna dele, do joelho, ele apertava a minha cabeça com o joelho e ele batia muito em mim e na minha irmã, mas mais em mim, porque eu era mais velha.

De acordo com a teoria mencionada, é possível inferir que a violência comprometeria a função paterna, impactando a introdução da lei e da castração simbólica, assim como a constituição psíquica de Jade, enquanto sujeito.

Lacan descreve a entrada do pai no complexo de Édipo em três tempos lógicos (Faria, 2023):

Primeiro Tempo: O pai está presente no discurso materno, mas ainda não é operante para a criança.

Segundo Tempo: A castração materna abre espaço para a entrada do pai, que surge como figura interditora, privando a mãe e a criança da relação fusional.

Terceiro Tempo: O pai se apresenta como possuidor do falo, instaurando a metáfora paterna e permitindo a simbolização da castração.

Assim como a função materna, a função paterna não se limita à presença física do pai. A presença potencial do pai – real e imaginária – é reordenada pela função simbólica, criando uma versão do pai para a criança. A forma como o pai se inscreve no discurso materno e se apresenta como representante da lei influencia a maneira como a criança se relaciona com a castração e a falta (Faria, 2024).

Cristal destaca para além dos pais, a influência positiva das figuras femininas em sua vida, como tias e avó, que proporcionaram um ambiente de apoio e diálogo sobre questões femininas, como esse terceiro que exerce em alguma medida a introdução da lei simbólica. Cristal destaca:

Percebo as minhas tias como figuras muito fortes do feminino, tanto de lado do pai, que eu convivi bastante..., esses femininos muito próximos de conversar sobre fases da lua, menstruação... Grande parte das mulheres da minha família, dos dois lados, é terapeuta, então existe uma conversa muito terapeutizada na família.

Jade menciona a avó como uma figura feminina importante:

Minha avó brincava muito comigo... ela ficava cozinhando, e eu ficava conversando muito com ela. Então a minha avó, ela é a minha referência, assim. Eu tenho muito

amor por ela, a gente tem uma ligação muito forte, a gente dormia de mão dada com ela. Então, ela sempre foi muito forte, ela costureira, ela costurava, fazia vestido, tinha seis filhos. Então, cuidava de todo mundo, cuidava de mim. Então, a minha referência é ela, assim.

Na teoria psicanalítica de Freud e Lacan, a constituição do sujeito ocorre por meio da transmissão simbólica mediada pelas funções materna e paterna (Freud, ano; Lacan, ano). A função materna, ao interpretar as demandas da criança e moldar o campo simbólico, é atravessada pelo desejo, enquanto a função paterna, como representante da lei simbólica, introduz a interdição e regula a relação mãe-criança, inscrevendo o sujeito na ordem simbólica.

As vivências das participantes revelam diferentes dinâmicas familiares e seus impactos. Esmeralda relata sentimentos de solidão e rejeição, sugerindo brechas na mediação simbólica materna. Diamante destaca um ambiente de dificuldades financeiras, mas reforçado por vínculos afetivos que possibilitaram a sustentação simbólica. Cristal descreve uma infância positiva, onde figuras femininas, como tias e avó, exerceram um papel estruturante na introdução da lei simbólica, proporcionando diálogos e suporte emocional. Jade, por outro lado, relata experiências de violência física e psicológica, tanto do padrasto quanto da mãe, o que prejudicou a função paterna e influenciou a internalização da lei simbólica e da castração.

A importância de terceiros simbólicos, como avós e outras figuras de referência, surge como um suporte alternativo fundamental para a constituição subjetiva dessas mulheres. Os avós, especialmente no relato de Jade, exerceram uma função afetiva e estruturante, colaborando para a construção de vínculos e representações que supriram, em parte, as lacunas das funções parentais. Essas experiências reafirmam a importância das funções simbólicas na constituição do sujeito, mesmo diante de dinâmicas familiares adversas.

Os pressupostos psicanalíticos demonstram que a constituição subjetiva dos sujeitos é mediada pelas funções simbólicas materna e paterna, fundamentais para a introdução da lei e a organização psíquica. Nos relatos, a presença de terceiros simbólicos, como avós e figuras femininas de referência, demonstrou ser um amparo compensatório, suprimindo, em parte, as falhas nas funções parentais. Essas dinâmicas apontam que, mesmo em contextos adversos, os vínculos afetivos e simbólicos podem favorecer a estrutura psíquica e o desenvolvimento subjetivo dos sujeitos.

3.2. Percepção da Violência e Seus Impactos:

A agressividade afeta a relação com o outro, transformando-o não apenas em um possível aliado, mas também como um alvo para a satisfação de impulsos agressivos. Nesse sentido, a civilização carece de controlar as manifestações da agressividade, utilizando diferentes mecanismos para neutralizar e transformar em inofensivas ou eliminar essa pulsão. (Freud, 1930)

Diamante descreve a violência psicológica sofrida, caracterizada por xingamentos, humilhações e agressões físicas, como puxões de orelha e ameaças.

Ele apenas, tipo, puxava minha orelha..., Mas teve muita ameaça, muito desrespeito dentro de casa. Me xingava, me chamava de feia, gorda. Falava que só transava comigo de quatro porque não queria olhar na minha cara pra poder gozar rapidinho. Não me ver, né... Ele queria que eu me excitasse ou o excitasse, pra gente ter relação sexual, porque ele disse só conseguir dormir assim... Ele pegava as comidas, jogava assim na parede, sabe? Tipo assim, você limpa, você se vira. Pegava minhas roupas, jogava no chão, pisava em cima... A casa é minha, você que tem que ir embora... Eu

me sentia muito presa, me sentia muito mal mesmo, né? E eu queria sair daquilo, eu me sentia muito sufocada, eu não dormia mais...

Um dos mecanismos de manejo da agressividade é a introjeção, procedimento pelo qual a agressividade é introjetada e direcionada contra o próprio Eu. Essa agressividade introjetada é incorporada pelo Supereu, instância psíquica resultante da introjeção da autoridade paterna. O Supereu, como mandatário da lei e da moral, opera como um regulador interno, castigando o Eu por seus desejos e impulsos agressivos. O conflito entre o Supereu e o Eu produz a consciência de culpa e a necessidade de punição (Freud, 1930).

Cristal relata ter sofrido violência psicológica velada, inicialmente financeira, e depois com ameaças e controle sobre suas atividades profissionais.

“O que você ganha é nosso, o que eu ganho é meu, da parte dele, né... eu vou tomar o seu cartão de crédito... vou dizer que você não pode ir atender nesse horário... se eu não fizesse x e y coisa do jeito dele, ele queria divorciar... Você está trabalhando demais, você tem que pegar o seu dinheiro e pagar a sua comida... tem uma série de nuances aí, perseguição, enfim, ameaça da parte dele.”

Jade vivenciou violência psicológica em diversos relacionamentos, com parceiros que a menosprezavam e controlavam.

Em sua primeira união, Jade relatou ter vivenciado vários episódios de violência física por conta dos ciúmes do parceiro.

Eu chegava em casa um pouquinho mais tarde, ele me espancava. Ele me batia muito. E ele rasgava a camisa. Era uma coisa assim, você tá me traindo e rasgava a camisa... Até o dia que ele quase me matou. De tanto que ele me bateu. ele já me puxou pela blusa e ele me bateu...

Jade também relatou que em um segundo relacionamento havia vivenciado violência psicológica, momento em que seu parceiro desdenhava de sua aparência física e vestimentas. “Tudo ele falava, a gente vai sair e vai comprar umas roupas novas pra você, porque essas roupas são muito feias. Nossa, esse seu sapato é horrível... olha esse sapato aqui, esse aqui eu vou comprar pra você, você vai ali no banheiro pra jogar o seu fora...

Em seu terceiro relacionamento, já casada, Jade enfrentou situações de violência psicológica por conta da sua aparência e traição por parte do esposo:

Eu deitava com ele na cama, eu chegava perto dele, ele falava pra mim sempre, eu tenho nojo de você, eu não quero ficar perto de você. Eu não quero mais você. Eu não quero mais isso pra mim... Ele olhava pra mim e falava assim, olha o tamanho do seu braço, não coloca regata não, seu braço é muito feio... quando eu vejo vocês, seus irmãos, juntos, comendo, eu tenho vontade de sair correndo. Vocês comem, vocês parecem bois... não sinto nada por você, eu tô aqui pra satisfazer o meu desejo de homem.

A educação desempenha importante papel na regulação da agressividade. A severidade exacerbada na educação, por exemplo, pode consolidar o Supereu, transformando-o em uma estrutura excessivamente rígida e punitiva. Em contrapartida, o excesso de tolerância pode levar à externalização da agressividade, dado que a criança, influenciada pela percepção do amor recebido, não encontra outra possibilidade para manejar sua agressividade senão canalizá-la para o mundo externo (Freud, 1930).

Jade relatou vivência de violência psicológica, física e financeira com seu último parceiro:

E ele começou a falar pra mim que eu precisava ver silicone, que eu precisava fazer lipo, que eu precisava treinar...parar de comer isso, de comer aquilo... E aí ele ligava

pra mim, e queria saber o que eu tava fazendo, o que eu tava comendo, o que eu não tava comendo. E quando eu não falava com ele, não atendia uma ligação, ele passava 5 horas sem me atender... ele fazia o tratamento do silêncio comigo... ele fingia que eu não existia, que eu era transparente, eu era uma parede... Essa sua barriga tá muito mole... você tem que ir no cirurgião plástico...você precisa fazer essa sobrancelha, você precisa fazer esse cabelo... Ele puxou a minha pele, ele arrancou minha pele. É pra você aprender que quando doer em mim, vai doer muito mais em você...ele começou a me apertar na perna quando ele não gostava de alguma coisa, me apertar no braço...Eu tenho até dó de você, se a gente terminar, porque você vai ficar acabada.

Freud, em "O Mal-Estar na Civilização" (1930), alega a existência de um instinto de agressão inato no ser humano, sendo que "o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade" (p. 41).

As experiências das participantes evidenciam como a agressividade vivenciada em diferentes formas — psicológica, física e financeira — impacta a subjetividade. Diamante relata xingamentos e humilhações que reforçam a internalização de agressões, potencialmente fortalecendo um Supereu rígido e punitivo. Cristal, por sua vez, relata um controle psicológico velado e ameaças que limitaram sua autonomia. Jade vivenciou diversos episódios de violência ao longo de diferentes relações, desde agressões físicas motivadas por ciúmes até ataques psicológicos que depreciavam sua aparência e valor subjetivo.

Vale destacar o papel da educação no desenvolvimento do Supereu e na gestão da agressividade. Uma educação severa pode formar uma estrutura psíquica marcada pela autopunição, enquanto o excesso de tolerância pode conduzir à externalização da agressividade. Nas histórias relatadas, os padrões de violência e controle não apenas

interferem no equilíbrio emocional das participantes, mas também demonstram como a agressividade pode ser direcionada de forma destrutiva no contexto relacional, perpetuando ciclos de dor e dependência. Essas vivências reforçam a relevância de se compreender e manejar a agressividade como parte da constituição psíquica e social.

As teorias psicanalíticas apontam que a agressividade, quando não direcionada adequadamente, pode se apresentar de forma destrutiva, repercutindo na subjetividade dos sujeitos e na forma como eles se relacionam. Nas experiências relatadas, é possível observar como a educação, a formação do Supereu e os padrões relacionais contribuem para prolongar ciclos de sofrimento e dependência emocional. A psicanálise, ao compreender esses funcionamentos, possibilita um caminho para a ressignificação das vivências e o desenvolvimento de relações mais saudáveis e equilibradas.

3.3. Sentimentos relacionados à violência

Jade relatou seu sentimento de impotência: "Quando eu olho pra trás, eu me sinto... Eu sinto uma impotência. Porque na época que eu vivi essas relações, eu poderia ter feito alguma coisa."

A inibição é uma limitação funcional do Eu, que pode ter inúmeras causas. De acordo com Freud (1926), "vamos nos decidir por uma concepção que não deixe muito de misterioso no conceito de inibição, dizendo que esta exprime uma limitação funcional do Eu, limitação que pode ter causas muito diversas" (p. 17). Em essência, a inibição simboliza uma contração ou redução na capacidade de ação do sujeito, perturbando suas funções psíquicas ou comportamentais. Ainda segundo Freud (1926), "as inibições têm uma relação especial com a função e não significa necessariamente algo patológico, pode-se também chamar de inibição a restrição normal de uma função." (p. 14).

Diamante descreve como a violência afetou sua autoestima, levando a ganho de peso e abandono dos estudos: “Engordei, eu larguei as coisas... Deixei de estudar... eu comecei a sentir mesmo no meu coração uma sensação muito ruim, né, como se alguma coisa apertando... E aí que isso foi acabando com a minha vontade de viver.”

Segundo Freud (1926), o sintoma, é via de regra, indicativo de um processo patológico. Ele surge como consequência da repressão, um mecanismo de defesa do Eu que impede que impulsos indesejados se tornem conscientes. O sintoma funciona como um indicador e substituto de uma satisfação instintiva não realizada. Ou seja, o sintoma simboliza um esforço de satisfazer, de forma velada, um impulso que foi barrado pela repressão. É importante destacar que o sintoma não é uma solução para o conflito inconsciente, mas sim uma manifestação simbólica do mesmo. Ele preserva uma relação complexa com o Eu, podendo combatê-lo ou incorporá-lo em sua estrutura.

Jade relatou os impactos em sua saúde mental decorrente das violências sofridas em seu último relacionamento, incluindo uso de medicação:

Então eu tinha crises de ansiedade, eu chorava, eu ficava toda hora olhando o telefone, eu peguei uma DP na faculdade, porque eu não prestava atenção na aula... Eu ficava naquela angústia, eu tinha crises e crises de ansiedade, meu cabelo caiu horrores. Eu ficava muito tensa. Nossa, era uma coisa horrível... Hoje eu tomo medicamento, uma dose forte de desvenlafaxina. E eu não consigo me emocionar mais. Por nada. Eu não consigo chorar mais... Eu falava assim... Eu sou estudante..., como que eu tô sofrendo desse jeito?... Essas violências psicológicas e físicas que eu vivi até hoje ainda me sondam muito, me rondam.

Os traumas vivenciados e as maneiras de lidar com os impulsos sexuais na infância imprimem cicatrizes na personalidade, podendo contribuir para a formação de neuroses e perversões na vida adulta (Freud, 1905).

Esmeralda menciona ideação suicida, ao se lembrar dos momentos mais críticos da violência sofrida, sugerindo um profundo sofrimento psíquico:

Revolta... é um sentimento assim de que é mais ou menos um sentimento de culpa de que eu tinha que ter me defendido entendeu. Aí quando eu lembro assim tudo que eu passei com eu nem gosto muito de pensar porque a vontade que dá assim é de dar um tiro na cabeça mesmo... acho que todas são ruins, mas os abusos sexuais e psicológico...

A angústia é retratada como uma condição afetiva de desprazer que serve como alerta para o Eu frente a um perigo, seja ele real ou oriundo do Id (Freud, 1926): “quando o indivíduo se acha numa nova situação de perigo, pode ser despropositado responder com o estado de angústia, com a reação a um perigo anterior, em vez de optar pela reação agora adequada”. (p. 75).

Cristal relatou que sua vivência de violência desencadeou sentimentos de medo, tristeza e luto: “As emoções são desconfiança, de traição, de medo, de tristeza. De autoflagelo, eu passei por essa fase, de certo luto por mim mesma, de uma incredulidade diante de tudo.”

Jade expressa sentimento de culpa e arrependimento em relação aos relacionamentos abusivos. Relatou que o término do seu primeiro relacionamento foi desafiador e carregado de sentimento de culpa, arrependimentos, fracasso e derrota:

Mas quando eu abri aquele guarda-roupa que eu vi tudo vazio, eu chorei muito. Eu fiquei muito mal... E eu me culpei muito, porque eu falei, você tá chorando por cara

que te batia. Mas na verdade aquilo não era choro por alguém que me batia. Foi um choro de sensação de fracasso. Eu fracassei... não consegui manter meu casamento assim como a minha mãe também não conseguiu manter o dela... Foi uma sensação de derrota mesmo... De que aquela maldição geracional estava caindo sobre a minha vida, porque aconteceu com a minha avó, aconteceu com a minha mãe, aconteceu comigo... Quando eu olho pra trás, eu me sinto... Eu sinto uma impotência. Porque na época que eu vivi essas relações, eu poderia ter feito alguma coisa. Mas hoje, quando eu penso, eu me sinto impotente. Eu não posso voltar atrás e fazer nada. Mas o arrependimento é o sentimento que mais me permeia a minha vida em relação a tudo isso.

Jade relatou que mesmo diante de tanta violência, o término do relacionamento foi doloroso e sofrido, para ela: “E quando eu terminei com ele foi muito doloroso pra mim, foi muito sofrido pra mim... parece que tinham arrancado um pedaço de mim. Porque eu queria muito que aquilo tivesse dado certo há anos atrás”.

A superestimação sexual do objeto de desejo pode contribuir para o desenvolvimento do masoquismo, uma vez que o indivíduo se submete ao outro como forma de preservar a ligação com o objeto amado (Freud, 1905).

Em seu segundo relacionamento, Jade relatou ter experienciado sentimentos de menos valia com relação a si mesma: “eu olhava pra mim e eu não conseguia entender porque alguém se interessava por mim.”

Ao falar do seu casamento, Jade relatou sentimentos de inadequação e menos valia: “Eu comecei a me olhar e falar, meu Deus, eu não sou digna de ninguém. Tá com ninguém.”

Segundo Freud (1905), o vínculo primordial funciona como modelo para todas as futuras relações amorosas. A mãe é o primeiro objeto de amor para a criança, no decorrer do

período de amamentação, ocasião em que o seio materno satisfaz tanto a fome quanto a libido.

A persistência das primeiras percepções, sobretudo as relacionadas à sexualidade, executam um papel primordial na organização da vida psíquica. Em parte, essa persistência se deve ao peso inadequado que os traços mnemônicos possuem quando comparadas às experiências recentes. (Freud, 1905).

Segundo Freud (1930), o sentimento de culpa é um dos produtos centrais da civilização. A incorporação dos preceitos e restrições sociais, através da estruturação do Supereu, provoca um desacordo interno que se manifesta como culpa inconsciente, conduzindo à autopunição e à redução da felicidade. "Chamamos a esse estado 'má consciência', mas na realidade ele não merece esse nome, pois nesse estágio a consciência de culpa não passa claramente de medo da perda do amor, medo 'social'." (p. 50).

A teoria psicanalítica de Freud destaca uma forma singular de masoquismo observada em mulheres. É descrito pela fantasia de ser subjugada, humilhada e inclusive torturada por um objeto de amor, frequentemente um homem. É fundamental salientar que a designação "feminino" não pressupõe que essa forma de masoquismo seja reservada às mulheres, mas se repete com maior frequência nessa população, em razão de fatores singulares associados à sua constituição psíquica e às vivências do desenvolvimento. Nesse sentido, a cultura molda e impõe papéis e expectativas acerca da expressão da sexualidade feminina. A repressão da agressividade, determinada socialmente às mulheres, pode favorecer o desenvolvimento de intensas orientações masoquistas, que associam sexualmente as inclinações destrutivas direcionadas para o interior. "A repressão [Unterdrückung] à sua agressividade, que é prescrita constitucionalmente e imposta à mulher socialmente, favorece a formação de

intensas moções masoquistas, que conseguem vincular eroticamente as tendências destrutivas voltadas para dentro." (Freud. 1933, p. 318).

Os relatos das participantes revelam a constante presença de sentimento de culpa, vergonha e autodepreciação, que se articulam com os mecanismos de defesa do ego para lidar com o trauma e a dor psíquica. A culpa, muitas vezes introjetada pela vítima, a leva a se responsabilizar sozinha pela violência sofrida, dificultando a percepção do abuso e a busca por ajuda.

Os relatos das participantes destacam como a violência vivida em diferentes contextos — psicológica, física, sexual e financeira — produziu sentimentos de inadequação, fracasso e impotência. Diamante relata a perda de autoestima e motivação, provocando o abandono de projetos pessoais. Cristal descreve um estado de luto e desconfiança, enquanto Jade relata episódios de ansiedade, sentimentos de menos-valia e culpa vinculada aos relacionamentos abusivos. O vínculo primário com a figura materna e a constância das experiências primárias de sexualidade e afeto estruturaram a organização psíquica dessas mulheres, condicionando a maneira como elas atualmente se relacionam amorosamente.

Nesse sentido, Freud (ano?) propõe que o masoquismo feminino pode ser fortalecido por dinâmicas culturais e repressões sociais, que determinam papéis de submissão e inibição da agressividade às mulheres. Essa inibição pode potencializar tendências masoquistas, onde a dor emocional e física é erotizada como tentativa de sustentar vínculos afetivos disfuncionais. O sentimento de culpa, reforçado pelo Supereu, com frequência inibe a busca de ajuda e preserva o sofrimento.

Esses relatos demonstram como a agressividade reprimida e os traumas precoces podem se revelar em sintomas psíquicos e ações, ressaltando a importância de se

compreenderem os mecanismos inconscientes que atuam na dinâmica da violência e da dor psíquica.

Dessa forma, as teorias freudianas sustentam que a repressão da agressividade e os traumas precoces, associados às dinâmicas culturais que perpetuam papéis de submissão, colaboram para a exposição de sintomas psíquicos e padrões relacionais disfuncionais. O masoquismo feminino, fortalecido por essas condições, demonstra a necessidade de analisar os mecanismos inconscientes que intensificam o sofrimento e impedem a busca por mudança. A psicanálise, ao conhecer essas dinâmicas, facilita caminhos para a ressignificação das vivências e para a reconstrução de vínculos.

3.4. Repetição de Padrões em Relacionamentos

A repetição aparece como um fenômeno que surge quando a resistência impede o acesso à recordação. O paciente, atua, encena os conteúdos em vez de recordá-los. Para Freud (1914), "... podemos dizer que o analisando não se lembra de mais nada do que foi esquecido e recalado, mas ele atua com aquilo" (p. 154).

Essa dinâmica da repetição, é percebida na relação com o analista, e se estende para as demais esferas da vida do paciente. Quanto mais eficiente a resistência, mais a repetição se fortalece, dificultando o trabalho de elaboração da vivência (Freud, 1914).

Freud (1914) afirma que "...também a parte da resistência é fácil de reconhecer. Quanto maior for a resistência, de forma mais frequente o lembrar será substituído pelo atuar. Isso pois o lembrar ideal do esquecido durante a hipnose corresponde a um estado em que a resistência é totalmente posta de lado." (p. 155).

Esmeralda relata não ter passado por violência em outros relacionamentos, mas demonstra um padrão de sofrimento psíquico intenso. Relatou que a violência se repetia de

diversas maneiras, com o parceiro procedendo a manipulações para controlar outras pessoas ao seu redor: "para ele manipular outras pessoas ao redor também era assim", o que a impedia de continuar com o apoio psicológico, o que "gerou o empecilho do próprio companheiro aí eu acabei desistindo de fazer".

Diamante relatou preocupação de que suas filhas vivenciem situações de violência, assim como ela vivenciou: “Eu acho, assim, que o fato de eu ter passado condições de violência, eu me preocupo, né? De acontecer com as minhas meninas, né?”

Cristal, apesar de relatar apenas um relacionamento abusivo, demonstra preocupação com a repetição de padrões em outras mulheres de seu círculo social: “Muitas delas vieram me confessar que talvez passem até por realidades piores no sentido comparativo.”; “...E aí você fala, bom, agora é comigo, e vamos superar, e vamos ajudar outras mulheres.”

Jade vivenciou violência em vários relacionamentos, indicando um padrão de escolha de parceiros abusivos. Entretanto, se questionava do porquê continuava nesses relacionamentos:

Aí eu pensei, meu Deus, eu saí daquela casa, já passei por tantos lugares que eu apanhava, e eu vou ter que apanhar agora, porque eu casei pra ficar casada o resto da minha vida e agora eu vou ter que apanhar, de homem... Por que eu estou aqui? O que eu estou fazendo aqui? Por que eu estou aguentando e suportando tudo isso?

A transferência favorece um espaço produtivo para a repetição. As relações anteriores com figuras parentais são reproduzidas na relação com o analista. Conforme descrito por Freud (1914), "sabemos que a transferência pode se externar em outros sentimentos, também menos ternos" (p. 155)

A repetição se manifesta de forma especialmente intensa na transferência, na relação que o paciente estabelece com o analista. O paciente transfere para o analista sentimentos,

desejos e padrões de relacionamento decorrentes de relacionamentos anteriores, especialmente com figuras parentais. Segundo Freud (1914), "... portanto, precisamos estar preparados para o fato de que o analisando se entrega à obsessão da repetição, que agora substitui o impulso para a lembrança, não apenas na relação pessoal com o médico, mas também em todas as outras atividades e relações simultâneas da sua vida, por exemplo, quando, durante um tratamento, ele escolhe um objeto de amor, assume uma tarefa, inicia uma empreitada." (p. 155).

Embora inicialmente pareça ser um obstáculo, a repetição traz um caráter positivo ao processo analítico. Ao reproduzir seus conflitos inconscientes, o paciente os torna acessíveis à análise, abrindo a possibilidade de elaboração. "Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele repete sem, obviamente, saber que o repete." (Freud, 1914, p. 154).

A perlaboração (*Durcharbeiten*), um dos fundamentos da técnica psicanalítica, consiste na tarefa de atribuir sentido ao que é repetido, integrando-o ao Eu e possibilitando o rompimento de ciclo repetitivo (Freud, 1914).

Nesse sentido, cabe trazer as elaborações de Freud em "Construções na Análise", acerca das Construções e das Interpretações. As construções feitas na análise visam reorganizar eventos do passado que foram recalcados e seus vestígios conscientes. As interpretações têm foco em aspectos expostos do discurso do sujeito (Freud, 1937).

Os relatos das participantes indicaram dinâmicas de repetição relacionadas a vivências traumáticas. Esmeralda ilustra como a manipulação de seu parceiro repercutiu em sua autonomia, enquanto Diamante revela preocupação com a possibilidade de repetição de padrões de relacionamentos violentos na experiência das filhas. Cristal, ao perceber abusos em mulheres próximas, sustenta o papel de superar a própria vivência para auxiliar outras

mulheres. Jade, por sua vez, demonstra um padrão de escolha de parceiros abusivos, refletindo sobre sua permanência nesses relacionamentos.

Na análise, a transferência replica relações anteriores com figuras parentais, facilitando um espaço para que os conflitos inconscientes sejam vividos e elaborados. Freud enfatiza que, ao repetir inconscientemente em vez de lembrar, o paciente viabiliza a reformulação e a interpretação de experiências recalçadas, fundamentais para a reorganização psíquica. Dessa forma, a repetição, ainda que desafiadora, possibilita um caminho frutífero para transformar padrões prejudiciais, como os mencionados pelas participantes, em oportunidades de desenvolvimento e autogestão emocional.

Dessa maneira, as teorias freudianas apontam que a repetição, quando analisada no espaço transferencial, transcende a condição de obstáculo e opera como um trajeto produtivo para a elaboração dos conteúdos inconscientes. Ao atuar inconscientemente os conflitos, o paciente abre possibilidades para a reconfiguração de padrões internos. Portanto, a análise converte a repetição em um recurso de reformulação e expansão de consciência.

3.5. Busca por Ajuda

As relações afetivas, especialmente as relações familiares, atuam como um importante fator de proteção contra o sofrimento e o mal-estar inerentes à civilização (Freud, 1930).

Esmeralda destaca o apoio recebido da família como fundamental para superar a violência: “Eu acho que se não fosse o apoio que eu tive da minha família teria sido bem pior”. Entretanto, com relação ao círculo social, relatou a necessidade de se afastar por não se considerar amparada, protegida ou validada: “Eu me senti sem amparo... eu falava, tentava falar, mas era como se você não tivesse voz, como se a pessoa invalidasse a sua voz.”

Cristal também menciona o apoio familiar como crucial: “Eu recebi bastante apoio, assim, o apoio familiar, ele foi muito importante.” Entretanto, com relação ao círculo de amizades, decidiu se afastar por se sentir desconfortável ao presenciar situações de violência semelhantes com outras mulheres:

Nesse sentido me causa desconforto, porque eu escolhi me distanciar desse núcleo, até porque é núcleo que várias mulheres passam pelo mesmo similarmente e que quando eu me separei e precisei de fato sair de casa foi uma questão necessária com medida protetiva...”

Esmeralda e Cristal mencionam o distanciamento do círculo social, devido à sensação de desamparo ou desconforto ao presenciar violências semelhantes. Essas experiências revelam o que Freud (ano?) argumenta de que o isolamento social é uma das estratégias que o sujeito utiliza para se proteger da dor que pode decorrer das relações humanas.

A falta de validação e apoio no círculo social pode amplificar o sentimento de desamparo e fragilidade, conduzindo ao isolamento como maneira de autopreservação. Embora compreensível, esse comportamento, pode fortalecer o ciclo de violência e tornar mais complexa a superação do trauma (Freud. 1930).

Jade relata a falta de apoio familiar e a dificuldade da mãe em lidar com a situação.

No que se refere a apoio institucional, Cristal relata o apoio recebido do ProVide (Programa de Proteção à Violência Doméstica de Mulheres e Crianças ou Vulneráveis) como essencial em seu processo de recuperação: “O PROVIDE me apoiou absurdamente, num sentido muito positivo, de fazer visitas no início semanais, depois quinzenais, na minha casa. Atualmente, eu já transpus a barreira com o PROVIDE de promover palestras para o batalhão da PM.”

Entretanto, Cristal relatou que inicialmente seu acesso à delegacia para os procedimentos de queixas foi também gerador de sofrimento, revitimização, constrangimento e julgamento: “quando a gente busca ajuda institucional, existe sofrimento psíquico que não é só a revitimização, que é o constrangimento, o julgamento...”

Em sua busca por ajuda profissional, Esmeralda relata ter procurado apoio psicológico, mas não conseguiu dar continuidade devido à interferência do parceiro: “Foi muito rápido né... não porque a instituição não quis me atender, mas porque gerou o empecilho do próprio companheiro aí eu acabei desistindo de fazer... Com relação a suporte médico, relatou descaso da profissional que a atendia: “No posto de saúde... eu dei sinal para minha ginecologista quando eu tava de resguardo do meu filho e ela foi super grossa comigo já me gerando outra culpa...”.

Cristal relatou que, mesmo antes da sua vivência de violência, fazia acompanhamento psicoterapêutico e buscava uma postura de autoanalisar-se: “Antes do processo. Eu sempre fiz terapia.”

Cristal apresenta uma postura introspectiva e um desejo de conhecer-se, características que se harmonizam com a função do Eu na teoria freudiana. Segundo Freud (1923), o Eu é a instância psíquica encarregada por intermediar os impulsos do ID (os desejos e instintos primitivos) e as demandas do Supereu (as normas e valores internalizados). A busca por terapia pode ser compreendida como uma maneira de fortalecer o Eu, disponibilizando instrumentos para manejar os conflitos internos e externos.

Jade também relata ter feito terapia quando criança, mas com interrupções devido às dificuldades enfrentadas pela mãe: “Era muito difícil a minha mãe me levar. O transporte era muito complicado, minha mãe tinha os outros filhos, então, eu nunca dava continuidade”. Jade relatou que durante suas vivências de violências nos últimos relacionamentos, fazia

acompanhamento psicoterapêutico. Entretanto, no momento está sem acompanhamento profissional: “Estou sem psicóloga, mas eu tô em vias de outra...”

O relato de Jade, "era muito difícil a minha mãe me levar", sugere que, apesar do desejo de continuidade – provavelmente impulsionado pelo Eu em busca de equilíbrio -, as circunstâncias externas estabeleceram limitações ao acesso a um ambiente de desenvolvimento do Eu e de compreensão das reivindicações do ID e do Supereu (Freud, 1923).

Os relatos de Esmeralda, Cristal e Jade revelam a importância do apoio familiar, social e institucional no enfrentamento da violência e do sofrimento psíquico. O suporte familiar emerge como um fator de proteção essencial, ao passo que a falta de validação em círculos sociais produz isolamento, uma estratégia que, embora admissível, pode prolongar o ciclo de violência. O suporte institucional, como o ProVide, mostrou-se positivo, entretanto os atendimentos oferecidos nas delegacias e postos de saúde se mostraram ineficientes, causando constrangimento e revitimização.

A terapia é mencionada como importante instrumento para fortalecer o Eu (Freud, 1923), auxiliando no manejo dos conflitos internos e externos. Entretanto, as restrições materiais e contextuais como as relatadas por Jade, por vezes dificultam o acesso regular a esse suporte. Esses relatos confirmam a necessidade de redes de apoio mais eficientes e acessíveis para romper o ciclo de sofrimento e proporcionar a superação.

3.6. Superação e Perspectivas para o Futuro

Diamante expressa o desejo de superar o passado e alcançar seus objetivos, como estabilidade financeira e realização profissional:

Eu tô muito focada na parte de trabalho, porque eu tenho essas coisas pra realizar, né?

Quero ir à praia, quero comprar carro, tenho dependência financeira pra poder ir. Tá sempre comprando roupinhas pras meninas, repor as coisas no armário, né? Fazer a reforma da casa.”

Cristal planeja continuar atuando na causa da violência doméstica, buscando a revogação da lei da alienação parental e ajudando outras mulheres:

Eu penso que vou continuar com as minhas ações, porque eu já tenho acionado algumas instituições e órgãos para revogação da alienação parental. A minha perspectiva hoje é me formar e falar mais sobre o tema.

Jade busca reconstruir sua família e se dedicar a sua profissão, ajudando outras pessoas que vivenciaram situações semelhantes:

Eu quero muito ajudar outras pessoas, principalmente mulheres, sobre esse olhar de quem viveu tudo isso, de violência doméstica, casais também. E as minhas perspectivas para o futuro são de trabalhar muito. Eu quero trabalhar a coisa que me anulei há muito tempo. Chegou um momento que eu olhei pra mim e falei, eu tô com saudade de mim. Porque eu me anulei tanto pra ser mãe. Então eu quero muito cuidar de mim, coisa que eu tenho feito hoje. Antes eu achava que isso era egoísmo. Hoje eu vejo que é amor próprio. Eu preciso disso pra cuidar das outras pessoas. Então eu me vejo trabalhando, meu marido tem uma clínica.

Os relatos de Diamante, Cristal e Jade demonstram um esforço de transcendência das experiências vividas, reconstrução pessoal e novas perspectivas sobre a vida. À luz das teorias psicanalíticas de Freud, esses relatos enfatizam o papel do Ego na mediação dos impulsos do Id e as demandas do Superego, favorecendo a procura por equilíbrio psíquico e realização de metas e objetivos.

Diamante expressa determinação no “princípio da realidade”, abrindo mão de prazeres imediatos em favor de metas concretas, como estabilidade financeira e reformas domésticas, o que demonstra a atuação do Ego na organização de suas metas.

Cristal direciona sua experiência de sofrimento em projetos sociais, como a defesa de outras mulheres e a revogação da lei de alienação parental. Esse processo revela a operação de sublimação, convertendo a dor em projetos significativos e socialmente respeitados.

Jade expressa o desejo de refazer sua identidade pessoal e profissional, procurando o equilíbrio entre cuidar de si e auxiliar as demais pessoas. Sua reflexão sobre autocuidado conversa com a “teoria do narcisismo” freudiana, revelando uma correção de seu narcisismo ferido e a importância do amor-próprio como fundamento para relacionamentos saudáveis.

Em suma, os relatos revelam o trabalho do Eu em converter traumas e desafios em projetos futuros, valendo-se de mecanismos de defesa, como a sublimação, e ressignificando vivências difíceis para traçar trajetórias de satisfação pessoal e social.

Considerações Finais

A presente pesquisa buscou investigar e compreender o sofrimento psíquico de mulheres brasileiras que vivenciam violência doméstica, utilizando a psicanálise como principal referencial teórico. A violência doméstica, um desafio social de relevante importância que impacta a saúde mental e emocional das mulheres, manifestando-se em diversas formas de sofrimento, como angústia, medo, culpa, vergonha e autodepreciação.

A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou-se de entrevistas semiestruturadas com quatro mulheres que compartilharam suas experiências, revelou a complexidade e a singularidade das vivências de violência doméstica. A análise dos dados, à luz da psicanálise, tornou possível aprofundar a compreensão dos mecanismos psíquicos que colaboram para a perpetuação da violência e seus impactos na subjetividade feminina.

A pesquisa demonstrou a importância do histórico familiar e emocional na constituição subjetiva das mulheres e sua vulnerabilidade à violência. Os relatos indicaram que as experiências traumáticas na infância, como a violência física e psicológica, podem se repetir em relacionamentos posteriores, mantendo as mulheres em dinâmicas de abuso. A análise das entrevistas, utilizando os conceitos psicanalíticos de função materna, função paterna e complexo de Édipo, possibilitou identificar padrões de repetição e entender como as relações com figuras parentais podem influenciar as escolhas de parceiros na vida adulta.

A pesquisa revelou que as participantes vivenciaram diferentes tipos de violência, incluindo a física, psicológica, financeira e sexual, cada uma com repercussões específicas em sua saúde mental e emocional. Os relatos revelaram como a violência psicológica, caracterizada por humilhações, xingamentos, ameaças e controle, pode ser igualmente ou

mais devastadora que a violência física, enfraquecendo a autoestima, a autonomia e a capacidade de reação das mulheres.

A pesquisa também investigou a busca por ajuda pelas participantes e a importância do apoio social e institucional para a superação da violência. As entrevistas revelaram que, embora o apoio familiar tenha sido essencial para algumas mulheres, outras se sentiram isoladas e desamparadas, tanto por seus familiares quanto por seu círculo social. Essa falta de apoio, associada à culpa e à vergonha que frequentemente estão presentes na experiência da violência, podem dificultar a denúncia e a busca por suporte profissional. A pesquisa também ressaltou a importância da atuação de profissionais de saúde, segurança e educação na identificação, no acolhimento e encaminhamento de mulheres em situação de violência.

Apesar das experiências traumáticas, as participantes demonstraram persistência e esperança, manifestando o desejo de superar a violência e construir um futuro melhor. Seus relatos apontaram para a importância do apoio psicológico, do empoderamento e da reconstrução da autoestima como elementos essenciais para a superação da violência. A pesquisa identificou que a terapia pode ser um espaço importante para a elaboração do trauma, o desenvolvimento da autonomia e a ressignificação da experiência da violência.

No que se refere às contribuições, este estudo pode contribuir para o diálogo acerca da violência doméstica, na medida que aproxima a psicanálise da realidade social, favorecendo a compreensão de fenômenos sociais complexos, como a violência doméstica.

A partir da teoria psicanalítica, a análise dos dados aprofundou a compreensão das engrenagens psíquicas que alimentam a violência doméstica e seus impactos na subjetividade das mulheres.

A pesquisa verificou a presença de padrões de repetição da violência, colaborando para a prevenção e intervenção precoce em situações de risco.

Acerca das limitações e sugestões para pesquisas futuras, o estudo apresenta algumas limitações, como o tamanho reduzido da amostra. Pesquisas futuras, com amostras maiores e mais diversificadas, poderiam ampliar a representatividade dos resultados e aprofundar a compreensão da problemática.

Demais sugestões para trabalhos futuros refere-se à possibilidade de manter esse mesmo tamanho de amostra, porém com maior quantidade de encontros, visando investigar suas vivências no processo de constituição e inserção na linguagem. Assim como avaliar a efetividade de intervenções terapêuticas, como a psicoterapia psicanalítica, no tratamento do trauma e na promoção da saúde mental das vítimas.

Em suma, a pesquisa sugere a necessidade de ampliação e divulgação das políticas públicas de prevenção e combate à violência doméstica, com foco na assistência psicológica, no empoderamento feminino e na criação de redes de apoio mais eficazes. A pesquisa também ressalta a importância de se conscientizar a sociedade para a problemática da violência doméstica, desconstruindo mitos e preconceitos que colaboram para a culpabilização da vítima e a perpetuação da violência.

- Freud, S. (1901-1905/2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, uma análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1917-1920/2010). História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1900/1996). A psicologia dos processos oníricos: A interpretação de sonhos – continuação. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1933/ 2023). A feminilidade: Conferência XXXIII. São Paulo: Grupo Autêntica.
- Freud, S. (1919/ 2022). Bate-se numa criança: contribuições para o estudo da origem das perversões sexuais. São Paulo: Grupo Autêntica.
- Freud, S. (1914/ 2021). Lembrar, repetir e perlaborar. São Paulo: Grupo Autêntica.
- Freud, S. (1937/ 2021). Construções em análise. São Paulo: Grupo Autêntica.
- Freud, S. (1924/1996). O problema econômico do masoquismo: O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/2010). O Mal-Estar na Civilização. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1916-1917/2014). Conferências introdutórias à psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1923/2016). O Eu e o Id, Autobiografia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1892-1893/1987). Esboços para a comunicação preliminar de 1893 (1892). Rio de Janeiro: Imago/Standard.
- Freud, S. (1926/2021). Inibição, Sintoma e Angústia. São Paulo: Companhia das Letras.

- Fulu, E. et al. (2013). Prevalence of and factores associated with male perpetration of intimate partner violence: findings from the UN Multi-country Cross-sectional Study on Men and Violence in Asia and the Pacific. *Lancet Glob Health*.
- Fuzeira, V. (2024). Vítimas de violência doméstica contam com ampla rede de apoio no DF. Agência Brasília. Acesso em 04 de abril, 2024.
<https://www.ssp.df.gov.br/vitimas-de-violencia-domestica-contam-com-ampla-rede-de-apoio-no-df/>
- Guimarães, M. C., Pedroza, R. L. S. (2015). Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. Acesso em 20 de abril, 2024, em <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Dr7bvbkmvcYSTwdHDpdYhfn/>
- Hirigoyen, M. (2006). A violência no casal: da coação psicológica à agressão física. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Jewkes, R. et al. (2011). Gender inequitable masculinity and sexual entitlement in rape perpetration South Africa: findings of a cross-sectional study. *PloS One*.
Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0029590>
- Krug, E. G; Dahlberg, L.L.Mercy, J.A.; Zwi, A.B. & Lozano, R. (2002). World report on violence and health. Geneva, World Health Organization, 2002.
- Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (2001). Vocabulário da psicanálise São Paulo: Martins Fontes.
- Lei 11.240/2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.
- Macedo, M. M. K., & Werlang, B. S. G. (2007). Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. *Ágora: Estudos Em Teoria*

Psicanálítica, 10(1), 86–106. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982007000100006>

Machado, L. Z. (2010). *Feminismo em movimento* (2ª ed.). São Paulo: Francis.

Moscovici, S. (2003). *Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge*

Moscovici. Acesso em 21 de abril, 2024, em

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/hxygmJs8PvY8S54bqn8hdzQ/?format=pdf&lang=pt>

Organização Pan-americana da Saúde. *Violência contra as mulheres*. (1991/2024).

Acesso em 01 de maio, 2024, em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>

Penna, P. D. M. A. (2014). *A mulher em situação de violência doméstica: um diálogo entre a Psicanálise e o Direito*. Universidade Federal de Minas Gerais.

[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9TNHZ4/1/diserta__o_paula_dias_moreira_penna.pdf)

[9TNHZ4/1/diserta__o_paula_dias_moreira_penna.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9TNHZ4/1/diserta__o_paula_dias_moreira_penna.pdf)

Pequeno, M. J. P. (2007). *Direitos Humanos e Violência*. Acesso em 21 de abril, 2024, em <http://www.colegiointegral.com.br/EM/AULAS/2ano/SOC-violencia.ppt>

Ribeiro, C. G. & Coutinho, M. L. L. (2011). *Representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de João Pessoa-PB*. *Psicologia e Saúde*, 3(1), 52-59.

Saffiotti, H. (2001). *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*.

Cadernos Pagu, 16, 115-136.

Vieira, A. A. e Vorcaro, Â. M. R. (2014). *Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses*. *Psicologia USP*. Acessado 22 Maio 2024,

disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-6564A20135113>>. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/0103-6564A20135113>.

Zuma, C. E. (2005). Em busca de uma rede comunitária para a prevenção da violência na família. In Anais do III Congresso Brasileiro de Terapia Comunitária. Fortaleza. Acesso em 21 de abril, 2024, em <http://www.noos.org.br/acervo/Embuscadeumaredecomunitariaparaaprevencaodaviolencianafamilia.pdf>

Anexo 1



Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Sofrimento psíquico de mulheres brasileiras que vivenciam contexto de violência doméstica.

Instituição do (as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília - CEUB

Pesquisador(a) responsável: Professor(a) Orientador - Me. Aurea Chagas Cerqueira

Pesquisador(a) assistente [aluno(a) de graduação]: Janaina Lima Borges – aluna do nono semestre de graduação.

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade), você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitada a assiná-lo e receberá uma cópia dele.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A pesquisadora deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é pesquisar e compreender o sofrimento psíquico de mulheres brasileiras que vivenciam contexto de violência doméstica. Abordar o sofrimento psíquico, as incertezas e hipóteses, juntamente com a vivência e a percepção da participante acerca da vivência de contexto de violência doméstica.
- Você está sendo convidada a participar exatamente por estar na faixa etária entre 18 e 60 anos, vivenciando ou já tendo vivenciado contexto de violência

doméstica.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder perguntas abertas acerca da sua vivência de violência doméstica. Sendo esta entrevista gravada (somente áudio) para melhor transcrição posterior por parte da pesquisadora.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada num período médio de 40 (quarenta) minutos a 50(cinquenta) minutos.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos baixos que são inerentes à pesquisa, tais como: emoção e ansiedade relacionadas a possíveis dificuldades diante das perguntas relacionadas ao fenômeno.
- Medidas preventivas como uma conversa preliminar, pausas ou interrupções serão tomadas durante a entrevista, caso haja algum desconforto, para minimizar qualquer risco ou incômodo. NO CASO DA OBSERVAÇÃO DE SINAIS INDICATIVOS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO, SERÁ GARANTIDO À PARTICIPANTE O DIREITO À ASSISTÊNCIA INTEGRAL E GRATUITA NA CLÍNICA ESCOLA DO CEUB, PELO TEMPO QUE FOR NECESSÁRIO (RESOLUÇÃO CNS Nº 466 DE 2012, ITENS II.3.1 E II.3.2).
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você ajudará a adquirir maior compreensão sobre o tema.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto nas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados (como a gravação) ficarão guardados sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Janaina Lima Borges, com a garantia de manutenção do sigilo e da confidencialidade, e arquivados por um período de

- 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição à qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em 2 (duas) vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de 2024.

Participante

Me. Aurea Chagas Cerqueira – 99986-2105/aurea.cerqueira@ceub.edu.br

Pesquisadora responsável

Janaina Lima Borges – janaina.lborges@sempreceub.com

Pesquisadora assistente

Endereço dos(as) responsável(is) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Centro Universitário de Brasília - CEB

Endereço: SEPN 707/907

Bairro: Asa Norte

CEP: 70790-075

Cidade: Brasília - DF

Telefones p/contato: (61) 3966-1201

TERMO DE ACEITE INSTITUCIONAL E INFRAESTRUTURA

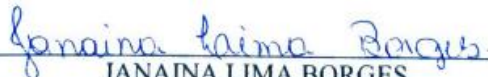
EU, AUREA CHAGAS CERQUEIRA, RESPONSÁVEL PELA PESQUISA “SOFRIMENTO PSÍQUICO DE MULHERES BRASILIENSES QUE VIVENCIAM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA”, JUNTO COM A ALUNA JANAINA LIMA BORGES, SOLICITAMOS AUTORIZAÇÃO PARA DESENVOLVÊ-LA NESTA INSTITUIÇÃO, NO PERÍODO DE 30 DE AGOSTO DE 2024 A 30 DE SETEMBRO DE 2024. O ESTUDO TEM COMO OBJETIVO GERAL INVESTIGAR E COMPREENDER O SOFRIMENTO PSÍQUICO DE MULHERES BRASILIENSES QUE VIVENCIAM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA; SERÁ REALIZADO POR MEIO DOS SEGUINTE PROCEDIMENTOS: SERÃO REALIZADAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS, A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA PREVIAMENTE ELABORADO.

AS ENTREVISTAS SERÃO GRAVADAS EM ÁUDIO PARA GARANTIR UMA TRANSCRIÇÃO PRECISA DAS RESPOSTAS. CADA ENTREVISTA TERÁ UMA DURAÇÃO APROXIMADA DE 50 MINUTOS E SERÁ CONDUZIDA EM UMA SALA RESERVADA NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS DO CEUB – CENFOR/CEUB, ASSEGURANDO-SE A PRESERVAÇÃO DO SIGILO, DA PRIVACIDADE E DA SEGURANÇA DA ENTREVISTADA. SERÃO PARTICIPANTES CONVIDADAS 4 (QUATRO) MULHERES COM IDADES ENTRE 18 E 60 ANOS, QUE TENHAM VIVENCIADO OU ESTEJAM VIVENCIANDO CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS.

DECLARO QUE A PESQUISA OCORRERÁ EM CONSONÂNCIA COM AS RESOLUÇÕES CNS Nº 466/2012, Nº 510/2016 E SUAS COMPLEMENTARES, QUE REGULAMENTAM AS DIRETRIZES ÉTICAS PARA AS PESQUISAS QUE ENVOLVEM A PARTICIPAÇÃO DE SERES HUMANOS, RESSALTANDO QUE A COLETA DE DADOS E/OU INFORMAÇÕES SOMENTE SERÁ INICIADA APÓS A APROVAÇÃO DA PESQUISA POR PARTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CEUB (CEP-CEUB).



PROFA. ME. AURÉA CHAGAS CERQUEIRA
(61) 99986-2105/aurea.cerqueira@ceub.edu.br
PESQUISADORA RESPONSÁVEL



JANAINA LIMA BORGES
(61) 99998-0998/janaina.lborges@sempreceub.com
PESQUISADORA ASSISTENTE



EU, IZANE NOGUEIRA DE MENEZES, COORDENADORA DO CENFOR-CLÍNICA ESCOLA DO CEUB, VENHO POR MEIO DESTA TERMO, INFORMAR QUE ESTOU CIENTE E DE ACORDO COM A REALIZAÇÃO DA PESQUISA, EM CONFORMIDADE COM O PROJETO ORA APRESENTADO, E QUE ESSA

INSTITUIÇÃO DISPÕE DE INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA PARA DESENVOLVÊ-
LA DE ACORDO COM AS DIRETRIZES E NORMAS ÉTICAS.

BRASÍLIA-DF, 05 DE AGOSTO DE 2024.


IZANE NOGUEIRA DE MENEZES

Anexo 3

Parecer Consubstanciado do CEP-CEUB

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Sofrimento psíquico de mulheres brasileiras que vivem contexto de violência doméstica.

Pesquisador: AUREA CHAGAS CERQUEIRA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 80773224.1.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.163.762

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.

Trata-se de uma emenda relativa ao estudo assim apresentado: "A violência contra as mulheres compreende qualquer ato de violência de gênero que cause ou possa causar danos físicos, sexuais ou mentais, incluindo ameaças, coerção e restrição à liberdade, tanto em espaços públicos quanto privados. Quando perpetrada por parceiros ou ex-parceiros, essa violência engloba agressões físicas, abuso psicológico, coerção sexual e comportamentos de controle, resultando em danos significativos à saúde e ao bem-estar das mulheres. Segundo a teoria psicanalítica, experiências traumáticas de abuso emocional, físico e sexual durante a infância são identificadas como elementos significativos na história de vida das pessoas envolvidas em situações de violência doméstica. O trauma é compreendido como uma vivência dolorosa que não foi simbolizada ou assimilada adequadamente pela psique, refletindo de forma profunda no desenvolvimento da subjetividade dos indivíduos.

Metodologia Proposta

Enfoque qualitativo, com aplicação de entrevista semiestruturada com a utilização do roteiro

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 7.163.762

de entrevista prévio a 4 (quatro) mulheres com idades entre 18 e 60 anos, que tenham vivenciado ou estejam vivenciando contexto de violência doméstica, em relacionamentos amorosos.

As participantes serão selecionadas por conveniência, a partir da rede de contatos da pesquisadora.

As entrevistas serão gravadas em áudio, visando facilitar a transcrição fidedigna posterior das respostas obtidas. Cada entrevista terá a duração aproximada de 40 a 50 minutos e será realizada em uma sala especialmente reservada para esse fim, NA CLÍNICA ESCOLA DO CEUB - CENFOR/CEUB, CONFORME TERMO DE ACEITE INSTITUCIONAL E INFRAESTRUTURA (ANEXO 2, projeto original), com a garantia de preservação do sigilo, privacidade e segurança da entrevistada.

Metodologia de Análise de Dados:

A análise de resultados será realizada de acordo com o referencial teórico da psicanálise e da análise de conteúdo de Bardin (2020). O conteúdo das entrevistas será transcrito e analisado em sua totalidade, apoiado nas categorias retiradas dos conteúdos relatados pelas participantes.

Objetivo da Pesquisa:

Hipótese:

A violência doméstica é um fator importante para o sofrimento psíquico de mulheres, interferindo, significativamente, nas demais relações da pessoa.

Objetivo Primário:

O objetivo geral deste trabalho é investigar e compreender o sofrimento psíquico de mulheres brasileiras que vivenciam contexto de violência doméstica.

Objetivo Secundário:

Conhecer o histórico de desenvolvimento emocional de mulheres que vivenciam situações de violência doméstica.

Conhecer a percepção das mulheres acerca da vivência de violência doméstica.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em relação aos riscos as pesquisadoras apresentam o seguinte:

"Este estudo possui riscos baixos que são inerentes à pesquisa, tais como: emoção e ansiedade relacionadas a possíveis dificuldades diante das perguntas relacionadas ao fenômeno.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 7.163.762

Medidas preventivas como uma conversa preliminar, pausas ou interrupções serão tomadas durante a entrevista, caso haja algum desconforto, para minimizar qualquer risco ou incômodo. NO CASO DA OBSERVAÇÃO DE SINAIS INDICATIVOS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO, SERÁ GARANTIDO À PARTICIPANTE O DIREITO À ASSISTÊNCIA INTEGRAL E GRATUITA NA CLÍNICA ESCOLA DO CEUB, PELO TEMPO QUE FOR NECESSÁRIO (RESOLUÇÃO CNS Nº 466 DE 2012, ITENS II.3.1 E II.3.2).

Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo".

Quanto aos benefícios, assim são trazidos:

"Com a participação, os participantes desta pesquisa ajudarão na aquisição de maior compreensão sobre o tema".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo trata-se de uma monografia de conclusão de curso do Curso de Psicologia do Ceub que tem como objetivo, a investigar a vivência de mulheres de violência perpetrada por parceiros ou ex-parceiros. Considera-se a pesquisa com baixos riscos, visto que foram apresentadas medidas protetivas adequadas aos riscos envolvidos - entrevistas que abordam tema delicado (a recordação de experiências dolorosas), de modo que os procedimentos metodológicos estão de acordo com os termos éticos. Houve indicação correta das medidas protetivas para o risco apresentado.

A pesquisa será custeada pelas pesquisadoras e foi apresentado um orçamento. A coleta de dados está prevista para ocorrer entre os meses de agosto e setembro de 2024.

A emenda em análise foi apresentada para correção de informações errôneas no parecer

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Apresentou a Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada.
- Apresentou o Termo de Aceite Institucional devidamente preenchido e assinado.
- O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado de forma parcialmente adequada.

Recomendações:

Ao final da pesquisa, deverá ser enviado o Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

O Modelo de Relatório Parcial ou de Finalização de Pesquisa Aprovada pelo CEP-UnICEUB pode ser acessado em <https://docs.google.com/document/d/1F8mgAlAh4zNJdo1rXux6edjonU711q->

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 7.163.762

E/edit

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após as devidas correções do parecer 7.060.608, esta emenda está aprovada.

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto: A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

II - desenvolver o projeto conforme delineado;

III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;

VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;

VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Emenda previamente avaliada, com parecer homologado na 16ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB de 2024, em 20 de setembro.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_2420098_E1.pdf	12/09/2024 19:18:30		Aceito

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 7.163.762

Outros	Carta_de_Envio_de_Pendencias_JANAINA_LIMA.pdf	08/08/2024 22:04:49	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_JANAINA_LIMA_BORGES_Pendencias.pdf	08/08/2024 22:04:06	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Monografia_JANAINA_LIMA_BORGES_Pendencias.pdf	08/08/2024 22:03:35	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_Aceite_Institucional_Pendencias.pdf	08/08/2024 22:02:12	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_JANAINA_BORGES.pdf	18/06/2024 23:55:47	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	LATTES_Aurea_Chagas_Cerqueira_Mar2024.pdf	18/06/2024 01:19:07	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	Lattes_JANAINA_LIMA_BORGES.pdf	17/06/2024 19:43:58	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 16 de Outubro de 2024

Assinado por:
Marília de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Apêndice 1

Roteiro de entrevista semiestruturada

1. Histórico Emocional: Como você descreveria sua infância em relação às suas emoções? Quais experiências você acredita que moldaram sua visão sobre relacionamentos amorosos?

2. Representação do Feminino: Quais imagens ou figuras femininas você considera significativas na sua vida? Como essas representações influenciam sua percepção de si mesma durante a vivência de violência?

3. Percepção da Violência: O que vem à sua mente quando você pensa sobre sua experiência de violência doméstica?

4. Repetição: Você passou por violência em seus relacionamentos afetivos anteriores? Que emoções surgem ao pensar sobre essas repetições?

5. Mecanismos Inconscientes: Você se perguntava do por que você continuava no relacionamento? Quais sentimentos ou pensamentos vêm à tona quando você reflete sobre isso?

6. Impactos Psicológicos: Você considera que de alguma maneira a violência que vivenciou impacta suas relações com a família e amigos?

7. Complexo de Édipo: De que maneira você acha que suas relações com figuras parentais influenciam suas escolhas de parceiros?

8. Perspectiva de Futuro: Quais suas experiências de violência doméstica afetam sua visão sobre o futuro? Que sentimentos você tem em relação a suas possibilidades de mudança?

9. Apoio Social: Como você percebe o apoio que recebe de amigos e familiares em relação à sua situação? Esse apoio é percebido como suficiente ou como você gostaria que fosse diferente?

10. Relação com Profissionais: Qual foi sua experiência com profissionais de saúde, segurança ou educação ao abordar a violência que você vivenciou? Você sentiu que eles compreenderam sua situação e suas necessidades?

11. Impacto na Maternidade: Se você é mãe, como a violência que sofreu afeta sua relação com seus filhos?

12. Busca por Ajuda: Você já procurou apoio psicológico ou emocional? O que motivou ou impediu essa busca?